Preço 1$00 — Quinta-feira, 6 de Setembro de 1956 — Ano II - N.º 78

Semanário

A PROVÍNCIA

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTE

O PROBLEMA ECONÓMICO

Não é num simples artigo de rés do chão que se pode alcançar o último andar deste problema, tão complexo ele se nos apresenta e tão repleto de óbices.

A matéria é vastíssima e abrange invios caminhos.

POR
ÁLVARO VALENTE

Por outro lado, exige conhecimentos de largo alcance e envolve estudos de profundidade que não é fácil possuir.

Há, porém, facetas que se descobrem aqui e ali, documentários que qualquer míope descortina, e a tal respeito não é difícil considerá-los.

Não é nossa intenção, ao analisarmos assunto de tamanha magnitude, descer a processos malignos e obscuros, eivados de segundo sentido e integrados em propósitos derrotistas. A nossa educação e os princípios que nos regem na vida, opõem-se terminantemente a que sigamos por semelhante estrada.

A nossa intenção é simplesmente frisar os pontos mais em evidência e daí tirar as conclusões que nos parecem da maior importância.

O problema económico é, quanto a nós, a primordial origem do mau estar das populações e, por consequência, dos respectivos países.

Dele derivam, em nosso critério, todos os conflitos que deflagram, todas as desinteligências que surgem no Mundo de hoje.

É por causa dele que se dão as corridas aos mercados, as concorrências em galopadas, as ânsias dos grandes dividendos.

A criação de privilégios, de situações preponderantes, de poderosas organizações, de espantosas aglomerações de capital, trazem, — sempre em nosso critério —, o desequilíbrio e com este o desenfrear de paixões e o desenvolvimento das ambições máximas.

O problema atinge assim uma acuidade bem à vista, pois se reflecte no indivíduo e nas mínimas parcelas da da vida.

Provoca-se, então, o problema económico de cada um.

Este problema é o mais grave e o mais importante. Se ele estivesse resolvido, acabariam as preocupações dos Governos e a paz definitiva seria um facto real.

(Continua na página 5)

Belezas de Portugal

Os grandes jornais pagam fortunas por fotografias de *pin-ups*, mais ou menos despidas, que constantemente publicam nas primeiras páginas. Não há necessidade da importação de beldades porque Portugal é, sem dúvida, o país delas, com o extraordinário valor de não serem retocadas e não carecerem de poses especiais que os grandes fotógrafos especializados pacientemente estudam.

Bastaria o sorriso aberto desta algarvia para nos dar razão, se a verdade não estivesse bem patente perante os nossos olhos.

Um velho tema

Se queremos uma raça forte, se pretendemos uma mocidade física e moralmente normal, há que a proteger desde a sua vida inter-uterina.

Não basta fazer propaganda de uma vida higiénica e do desenvolvimento físico, quando o indivíduo atingiu a adolescencia, visto que nesta altura já se encontra com todos os defeitos de uma má gestação e com outros adquiridos durante o crescimento.

POR
AMARAL FRAZÃO

É preciso cuidar da conservação, aperfeiçoamento e desenvolvimento do indivíduo desde o ventre da mãe, quando nasce e depois durante o seu crescimento, principalmente nas classes pobres, naquelas onde a educação é deficitária, naquelas em que a mulher se vê forçada a trabalhar fóra do lar para ajudar o marido, daquelas finalmente, em que as noções de higiéne e puericultura não chegam, sequer, a ser rudimentares.

Todos nós sabemos que a mãe tem maior influencia que o pai na robustez do filho. Entram com igual parcela no acto da procriação, é certo, mas a mãe fica sózinha a administrar-lhe as condições de desenvolvimento da sua gestação e a cuidar sob sua única responsabilidade desse mes-

(Continua na página 5)

Apontamento de Café

Coisas extraordinárias

Garanto-vos, caros leitores, que o caso que ora vos vou relatar aconteceu, tristemente. Muito, porém, gostaríamos que ele fosse resultado da mais pura ficção.

Era domingo. O café abarrotava de gente. Aos quatro ventos, a telefonia, espalhava em berros alucinantes, a inauguração de mais um Parque desportivo. Eu, solitário, absorto em pensamentos ocasionais, encontrava-me sentado a uma das mesas. No ar, o fumo e as conversas entrechocavam-se, confundiam-se, viciando mutuamente homens e ambiente. Nem sei porque razão o meu olhar se fixou naquele grupo do canto. Talvez pelo barulho que dali brotava com ímpeto; talvez porque me mereceu certo interesse o mendigo, que junto à mesa esperava o momento — ansioso — de fazer o seu pedido. Tantas vezes, tantas, ele vacilante buscou a oportunidade! Tantas vezes ele ensaiou os seus tímidos movimentos, sem ninguém lhe ligar importância, que eu automàticamente os comecei a seguir.

POR
José António Moedas

Entusiasmado, pleno de vigor e emoção, o indivíduo que se achava quase na minha frente, rosto folgazão, e também senhor de uma pronunciada obesidade, exclamava ufano:

— É, na verdade, uma obra imponente, majestosa, o estádio do meu clube. Perfeita maravilha. Vi-o há poucos dias. Sinto grande mágoa por lá não poder estar nesta hora de elevada vibração clubista. Quando lhes assiste a vontade, quando querem os homens, fazem coisas extraordinárias... Também me orgulho de ter contribuído com a minha quota parte. Pena foi que as minhas possibilidades materiais me não permitissem ir mais além. Fomos todos por um, de uma solidariedade impressionante, sem igual. Os homens quando querem fazem grandes coisas... Coisas extraordinárias...

Então, o pobre diabo que os cercava, esfarrapado, rosto amarelecido e cadavérico, aproveitando a pausa, aventurou se a interromper:

— Meu senhor... Ficar-lhe-ia muito grato se me pudesse auxiliar, pois tenho três filhos, minha mulher doente, e eu sem trabalho.

(Continua na página 5)

MOTO Jornal

Sumário do próximo número:

Apêlo à Direcção Geral de Viação * Desastres - um artigo focando êste momentoso assunto * O I Festival Motociclista em Pista * Os nossos motociclistas no Estrangeiro * Rali dos Três Castelos * Uma série de Gincanas * O Circuito do Monsanto * Vários artigos técnicos, noticiário, etc., etc.

No próximo número:

ler as condições do

GRANDE Concurso de Prognósticos de Futebol !!!

Visite as imponentes Festas da Moita do Ribatejo

MONTIJO

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias, excepto ás sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026256 — MONTIJO

Dr J. Sousa Correia

CLÍNICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr.ª Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.as e 6.as feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
TELEF. 026487 — MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Organizações Progresso

Oiçam todas as 3.as feiras às 13 horas, através do Clube Radiofónico de Portugal o programa «REVISTA DESPORTIVA». uma produção de Fernando de Sousa, com o patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do desporto e a favor do desporto. Produção associada de Fernando de Sousa, Fernando de Lacerda e Veríssimo Alves. Brevemente novos programas e novas rubricas. Para a sua publicidade consulte

Organizações Progresso
Av. de Roma, 207, 3.º-Esq.º
LISBOA

Telefone 096 567

Para boas Fotografias

Foto Montijense

Vamos florir a nossa terra ?

E porque não?

Se ela não tem grandes belezas naturais, poderemos nós enfeitá-la, alindá-la, de modo que essa falta seja substituída pelas que a mão do homem consegue.

Temos largos, praças, esplanadas onde pequenos jardins e pequenos lagos poriam manchas agradáveis e ornamentais.

Com flores, arbustos, cascatas, — água, muita água —, tornaríamos a nossa terra num verdadeiro paraíso!

Instauremos também o culto pela árvore.

Há muitos locais onde as árvores ficariam bem, dando graça e colorido, espalhando beleza e sombra.

Vejamos a nossa Praça da República, como está interessante e vistosa. O que lhe dá esse interesse e essa vista? As placas ajardinadas, as frondosas e elegantes árvores que as circundam.

Porque se não há-de fazer o mesmo noutros locais, agora desguarnecidos, áridos, escalvados, sem qualquer pincelada de alegria e de vegetação?

Por outro lado, se esse culto se efectivasse e intensificasse, seria possível também que os moradores tomassem gosto pela flor e pela árvore e ornamentassem as fachadas, as frentes, os chamados logradouros, as janelas, as varandas, para que por toda a parte o nosso olhar se enebriasse e a nossa alma se acalentasse ao sopro vivificante dos aspectos graciosos.

Aquela fantasia, que noutro tempo servia de desculpa, de se julgar que não haveria o devido respeito pelos jardins e arvoredos, já passou à história. Os exemplos o demonstraram exuberantemente. Ninguém toca hoje numa flor ou numa árvore. A outra fantasia, que também servia de desculpa, de se alegar a má qualidade dos terrenos, está desmentida pelo que se vê no que existe.

Não há, portanto, razões que obstem à realização desse alindamento.

Vamos, pois, a florir a nossa terra?

Vamos a torná-la ainda mais bela e mais linda?

Porque não?

Festas a N.ª Senhora da Boa Viagem

Programa

1.º dia -- Sábado, 8 de Setembro

Dia de Nossa Senhora da Boa Viagem

A's 8 horas — Abertura das Festas, anunciada por uma importante girândola de morteiros.

A's 8,30 horas — Missa de Comunhão Geral.

A's 10 horas — Missa Solene, cantada em honra de Nossa Senhora da Boa Viagem.

A's 21 horas — Continuação das Cerimónias Religiosas na Igreja Matriz, com Terço, Ladainha a Nossa Senhora, Sermão, e Benção do Santíssimo.

Abertura do arraial, com profusa iluminação na Feira Franca, no edifício dos Paços do Concelho e na Igreja de Nossa Senhora.

Cumprimentos pela *Banda da Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense, de Azeitão, e concerto, na Praça da República, pela mesma Banda.*

IN MEMORIAM

Ao Sr. Dr. Manuel da Cruz Junior — Falecido em 26 de Agosto de 1924

Grandes são os homens, maiores são as acções praticadas por eles. Muitas dessas lembranças, vibram em nossa alma e nunca esquecem.

Não há só heróis, nas descobertas; há-os também em ser humanos e cultivarem o bem. Pena é que não floresça essa cultura, não prosseguisse e que todos seguíssemos os seus exemplos; mas a ambição, infelizmente, não deixa.

Estas simples, mas sinceras palavras, que exprimem o meu sentir, referem-se a meu tio, Dr. Manuel da Cruz Junior.

Essa figura tão ilustre, bondosa e adorável, veio ao mundo só para valer aos pobrezinhos. E eles tanto sentiram a sua falta!

No dia em que Deus o chamou à sua Divina Presença, tantas lágrimas se derramaram pela perda irremediável desse santo! Os seus elevados sentimentos, tanto o faziam estimar o pobre como o rico; por isso todos o prantearam.

Sua alma eternamente, junto a Deus, por nós está rogando e pelo Montijo, terra que ele tanto adorava.

Fez 32 anos, no dia 26 de Agosto que ele faleceu, e pressentiu que seria esse o seu último dia de vida. Alma santa, divina, que Deus mandou ao mundo.

Como seu irmão, Dr. Francisco Cruz, Dign.º Padre, que tanto incutiu pela beleza dos seus sentimentos cristãos no espírito do povo, a religião; também espalhou por toda a parte, a bondade que revestia seu sublime carácter.

Em nome da minha terra, venho patentear por este meio o grande pesar que nos deixaram tão excelsos benfeitores.

Uma infinita saudade lhe enviamos todos, que eles certamente nos agradecerão imenso. Como floresce a toda a hora essa saudade em nosso peito, em seu redor decerto florescem as flores no paraiso.

Eduarda Leite Ventura

SANFER, L.DA

S D — LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º
ARMAZÉNS — MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Que não falte na sua mesa o café de

«AJAVANEZA»

Rua do Arsenal, 102
Telef. 22722

nviam-se encomendas para a província

Instituto Maternal

Escola de Enfermeiras-Parteiras -Puericultoras

AVISO

Até 10 de Setembro próximo está aberta a inscrição para a frequência, no próximo ano lectivo, dos cursos de enfermeiras — parteiras — puericultoras, que funcionarão em Lisboa na Sede do Instituto Maternal — Maternidade Dr. Alfredo da Costa —, na Delegação do mesmo Instituto no Porto e na de Coimbra. Os cursos têm a duração de um ano lectivo, seguido de 6 meses de estágio.

Podem ser admitidas à matricula diplomadas com o Curso Geral de Enfermagem ou ainda senhoras habilitadas com o 2.º ano do mesmo curso do actual regime de ensino, estas últimas a título excepcional e em consequência da falta de enfermeiras — parteiras — puericultoras em número suficiente para atender às necessidades dos serviços oficiais e particulares. Pelo mesmo motivo poderão ser concedidas isenções de pagamento de matrícula e subsídios de estudo às alunas cuja situação económica o justifique.

As candidatas à matrícula deverão indicar se desejam ou não frequentar os cursos em regime de internato e qual a Escola em que pretendem ingressar.

Às enfermeiras — parteiras — puericultoras que trabalham em serviços oficiais são abonados vencimentos superiores em 20% aos que percebem as enfermeiras com o curso geral.

Na sede do Instituto Maternal em Lisboa e nas delegações do Porto e de Coimbra prestam-se todas as informações sobre a frequência dos referidos cursos.

Lisboa, 10 de Agosto de 1956

A Direcção

Concurso Hora Feliz

Na passada quinta-feira, 30 do mês findo, pelas 12 horas, procedeu-se na nossa redacção à abertura do relógio confiado à nossa guarda, e que diz respeito ao Concurso que a Ourivesaria e Relojoaria Contramestre, da Praça 1.º de Maio, de Montijo, vem efectuando com o maior êxito.

Aberto o relógio, na presença de vários assistentes, verificou-se que parara nas:

6 horas e 5 minutos

O prémio coube à sr.ª D. Preciosa Rosa Cruzeiro, residente na Rua José Ferreira Pio, n.º 29, desta vila, a qual só ainda tinha feito três pagamentos, e era a portadora do cupão, com aquela hora exacta.

Porque não se inscreve imediatamente?

O prémio é tentador, (250$00 em compras) e a sua inscrição uma bagatela!

Inscreva-se pois, no CONCURSO HORA FELIZ!

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 31, a menina Maria Emília Ventura de Oliveira, gentil filha do nosso prezado assinante sr. José Maria de Oliveira Júnior.

— Dia 2, o sr. Víctor Manuel Santiago Marreiros, nosso dedicado assinante.

— Dia 3, o sr. Jeremias Pinto, nosso estimado assinante.

— Dia 4, o sr. Américo José da Silva, nosso prezado assinante.

— Dia 4, o menino Jorge Manuel Bastos da Silva, filho do nosso estimado assinante, sr. Norberto José da Silva.

— Dia 4, a sr.ª D. Maria Antonieta Soares Onofre, esposa do nosso estimado assinante sr. Luís Onofre.

— Dia 4, a sr.ª D. Isabel Maria Silva, esposa do nosso assinante sr. António Manuel Silva.

— Dia 5, a menina Aida Maria Alcobia Morais, sobrinha do nosso estimado assinante, Sr. Américo José da Silva.

— Dia 7, o sr. Armando Rebelo, nosso estimado assinante.

— Dia 7, o menino João Manuel Ferreira Branco, filhinho do nosso prezado assinante, sr. Jacinto Neto Branco e da sr.ª D. Custódia Ferreira Branco.

— Dia 7, a menina Lídia Rosa Paulo Saraiva, filha do nosso prezado assinante sr. Silvano Saraiva.

— Dia 8, a menina Ana Maria Caria Peixoto, filha da nossa assinante em Coimbra, sr.ª D. Ana Caria Peixoto.

— Dia 9, o menino José Carlos de Azevedo Madeira, filho do nosso estimado assinante sr. Carlos José C. Madeira.

— Dia 9, a sr.ª D. Maria Antónia Palhais Diniz, filha do nosso prezado assinante, sr. António da Silva Diniz.

— Dia 10, a menina Maria Gabriela Relógio Machado, gentil filha do nosso prezado assinante sr. José Machado.

— Dia 10, o sr. Francisc António da Costa Gomes, nosso estimado assinante.

— Dia 11, a sr.ª D. Cristina Cheirada, de Vila Franca de Xira, nossa estimada assinante, que perfaz a linda idade de 90 anos.

Partidas e Chegadas

Dr. Eduardo Gomes

Nesta data seguiu em gozo de merecidas férias, com sua exm.ª família, para S. Pedro de Muel, (Marinha Grande), o distinto clínico e nosso prezado assinante, sr. Dr. Eduardo Gomes, desta vila, ao qual ali lhe desejamos venturosa veligiatura.

Álvaro Valente

Concluído o seu tratamento nas termas da Sr.ª da Piedade, em Alcobaça, retomou agora as suas funções de valioso director de «A Província», o nosso ilustre amigo e sr. Alvaro Valente, a quem por este meio significamos os nossos cumprimentos e a sua exm.ª esposa.

Em Férias

Em gozo de férias encontra-se na Praia da Vitória, — Terceira, (Açores), a menina Aida Maria Alcobia Morais, sobrinha do nosso estimado assinante sr. Américo José da Silva.

— Seguiu para Carragosela, (Tábua), em gozo de férias o sr. António Amérito da Costa Ribeiro, filho do nosso estimado assinante sr. António Ribeiro, industrial nesta vila.

Professorado

A seu pedido, foram trannsferidos para Loures, o nosso estimado assinante sr. prof. Fernando Correia Pereira e sua esposa, sr.ª prof.ª D. Maria da Glória Pereira, que aqui exerceram com estima e agrado geral o magistério primário.

Folgaremos que ali vão encontrar igual satisfação, naquela interessante vila.

Marcha dos Pescadores de Montijo

A convite da Liga de Melhoramentos de Paço de Arcos, deslocou-se no passado domingo, dia 2, àquela linda vila da linha da Costa do Sol, a nossa aplaudida Marcha dos Pescadores, no sentido de ali fazer a sua apresentação, nas festas promovidas em homenagem póstuma ao glorioso e velho lobo do mar, Patrão Joaquim Lopes.

A primeira exibição da Marcha dos Pescadores de Montijo, teve lugar no rinque de patinagem do Clube Desportivo de Paço de Arcos, das 16 às 17 horas, findo o que se incorporou no cortejo à memória do homenageado, e que foi seguido de uma sessão solene, em que usaram da palavra vários oradores.

No decorrer desta sessão, a «mascote» da nossa Marcha, colocou um vistoso ramo de flores, no pedestal do busto de Patrão Joaquim Lopes, gesto que simbolizava o preito de admiração dos pescadores de Montijo, e que mereceu a gratidão dos seus habitantes.

A segunda exibição da nossa Marcha, teve lugar das 20,30 às 21,30 horas, no mesmo recinto; sendo muito aplaudidas ambas as exibições.

Na próxima quinta-feira, dia 6, a nossa Marcha dos Pescadores, desloca-se igualmente a Montemor-o-Novo, e para a sua actuação naquela vila alentejana, desejamos-lhe igualmente os seus melhores êxitos, em prestígio do honroso nome de Montijo.

Mais 250 contos para abastecimento de água a SAMOUCO

O sr. Ministro das Obras Públicas aprovou a concessão, pelo Fundo de Desemprego, de mais 1.363.342$40, destinado a melhoramentos em vários pontos do continente e ilhas.

Quanto ao distrito de Setúbal, no que se relaciona com a nossa margem, foi concedida a comparticipação de 250 contos à Câmara Municipal de Alcochete, como reforço da verba já concedida para o abastecimento de água à vizinha povoação de Samouco.

«A Provincia» — N.º 73 - 6/9/1956

A. J. Ventura & Filho, Limitada

Por escritura de 11 de Agosto p. p. lavrada a fls. 1 v. e seguintes do livro n.º 4 B. do cartório notarial de Montijo, entre D. LAURENTINA DE OLIVEIRA E SILVA VENTURA. ABEL JUSTINIANO VENTURA, e CARLOS DE OLIVEIRA E SILVA VENTURA, foi constituida uma Sociedade Comercial por cotas de responsabilidade, Limitada que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma «A. J. VENTURA & FILHO, LIMITADA», e a sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu começo, desde hoje.

2.º

A sede da sociedade é nesta vila de Montijo, no prédio situado na rua Guerra Junqueiro, n.º 4, onde, também, se encontra instalado o estabelecimento social.

3.º

O seu objecto principal é o exercício de comércio de material eléctrico, ou de qualquer outro ramo de negócio em que os sócios concordem, dentro dos limites da lei.

4.º

O capital da sociedade, corresponde à soma das cotas de todos os sócios, que está, integralmente, realizado, é da importância de 80.000$00.

§ Único

As cotas dos sócios LAURENTINA DE OLIVEIRA E SILVA VENTURA, e ABEL JUSTINIANO VENTURA, são da importância de 20.000$00, cada uma, e a do sócio CARLOS DE OLIVEIRA E SILVA VENTURA da importância de 40.000$00.

5.º

Não serão exigíveis prestações suplementares, mas qualquer dos sócios poderá, fazer à Caixa Social, suprimentos, nas condições que, prèviamente, foram combinadas, e constarem da respectiva acta.

6.º

É livre, entre os associados, a cessão total ou parcial de cotas, ficando a cessão, a favor de estranhos à Sociedade, dependente do consentimento da mesma.

§ 1.º

Sempre que qualquer sócio pretenda ceder a sua cota a estranho, tanto a sociedade, em primeiro lugar, e depois os sócios, podem preferir.

§ 2.º

O sócio que pretender dividir ou ceder a sua cota, no todo ou em parte, a favor de estranhos, assim o comunicará, em carta registada, com aviso de recepção, aos outros sócios, e à gerência da sociedade, e esta, quando fôr caso disso, convocará a assembleia geral, pera solucionar a pretensão e resolver, acerca da preferência.

§ 3.º

Se a sociedade não quizer preferir, competirá, então, o direito de preferência a todos os sócios, na proporção das respectivas cotas, excepto se, apenas, alguns deles quiserem preferir, pois, nesse caso, a cota ficará a pertencer àquele ou aqueles sócios que exerçam a preferência a que têm direito.

§ 4.º

A sociedade terá, por meio de carta registada, com aviso de recepção, no prazo de 20 dias, e a contar da realização da assembleia geral, que comunicar ao sócio que pretende ceder a sua cota a estranhos, se foi ou não autorizada a cessão, e, em caso afirmativo, se pretende ou não, exercer o seu direito de preferência, para só depois disso, e nos 10 dias seguintes, os sócios, e pela mesma forma, se pronunciarem, acerca da preferência que lhes cabe, implicando a falta de resposta e nos prazos estabelecidos, tanto por parte da sociedade, como dos sócios, consentimento bastante.

§ 5.º

Quando qualquer dos sócios, ou a sociedade utilizar o direito de preferência pagará a cota pelo seu valor real o qual será determinado por um balanço, para esse efeito, realizado, com actualização de valores.

7.º

A gerência e a administração da sociedade e a sua representação em juizo e fora dele, activa e passivamente, fica a cargo de qualquer dos sócios, os quais são nomeados gerentes, com dispensa de caução, e com ou sem retribuição, conforme fôr resolvido e constar da respectiva acta.

§ 1.º

Para obrigar a sociedade bastará a assinatura de qualquer dos gerentes.

§ 2.º

A sociedade não poderá ser obrigada em fianças, avales, abonações, letras de favor ou quaisquer outros documentos estranhos aos negócios sociais.

§ 3.º

É permitida a delegação da gerência, entre sócios.

§ 4.º

A sócia LAURENTINA DE OLIVEIRA E SILVA VENTURA delega em seu marido e sócio, toda a gerência que lhe cabe, e sem qualquer restrição.

8.º

Ocorrendo a morte ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade não se dissolverá e antes continuará com o representante legítimo do interdito, ou com os herdeiros do falecido, se estes assim o quizerem, devendo os mesmos herdeiros escolher um, de entre si, que os represente na sociedade.

§ 1.º

Se o referido representante, os herdeiros, ou qualquer herdeiro, não quiserem ficar na sociedade, o que terão de comunicar à sociedade, por meio de carta registada, com aviso de recepção, e no prazo de noventa dias, a contar da morte do sócio falecido, serão embolsados de tudo que se apurar pertencer-lhes, o que se determinará, pela forma já consignada no parágrafo quinto do artigo sexto, isto é, receberão o valor real daquilo a que tiverem direito.

§ 2.º

No caso de embolso, terá o mesmo de ser feito ao interessado, no prazo de tres anos, em presta-

(*Continua na página 6*)

Desaparecido

Fernando Martin Filipe, de 29 anos, natural de Faro, que há um mês se ausentou da sua residência, na Rua Conde Paçô Vieira, n.º 11, Montijo, sua mulher pede a todas as pessoas que souberem do seu paradeiro, o favor de informarem para a mesma morada, em nome de Josefa Sargento Filipe, rogando-se a quem souber do seu paradeiro, o obséquio de o reter nesse local, avisando a interesssda, com possivel urgência.

Câmara Municipal de Montijo

Aquisição de Forragens

Até ao dia 14 de Setembro corrente, recebem-se propostas escritas em papel selado e encerradas em envelopes lacrados, para o fornecimento de fava e aveia, nas condições patentes na Secretaria Municipal.

O Presidente da Câmara.

(a) *José da Silva Leite*

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 7 — *Montepio*
6.ª-feira, 8 — *Moderna*
Sábado, 9 — *Diogo*
Domingo, 10 — *Giraldes*
2.ª-feira, 11 — *Montepio*
3.ª-feira, 12 — *Moderna*
4.ª-feira, 13 — *Diogo*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.ª-feira — às 9 horas.
6.ª-feira — às 19 horas.
Sábado — às 9 horas.
Domingo — às 8, 10, e 11,30 h.

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 6; O *filme* em Superscópio «O Tesouro do Pancho Vila» e «Casar não Custa» e ainda Revista Paramount.

6.ª feira, 7; Um *filme* com Maria Shell «Um Dia Virá» com «Taxi de Noite».

Sábado, 8; «Um Taxi, uma Mulher e um Destino» com vários e interessantes curtos e Imagens de Portugal.

Domingo, 9; Um *filme* em Cinemascópio «Mr. Roberts».

2.ª feira, 10; «A Minha Aventura de Amor».

3.ª feira, 11; «Jívaro» com «A Caminho de Bali».

4.ª feira, 12; «Abnegação de Filho» um *filme* mexicano.

CINEMA 1.º DEZEMBRO

5.ª feira, 6; (Para 13 anos) O famoso *filme* colorido por relevo natural «O Rio das Penas» com lindos complementos.

6.ª feira, 7: (Para 13 anos) Pela 2.ª vez a pedido o lindo *filme* espanhol «O Amor Começou num Taxi» e no mesmo programa o *filme* de aventuras «O Prisioneiro das Montanhas Brancas».

Sábado, 8; (Para 13 anos) O *filme* de gargalhada, com Cantinflas «Nem Sangue nem Arena».

Domingo, 9; (Para 13 anos) A linda Lola Flores no engraçado *filme*, que pela 1.ª vez vem a Montijo, «Morena Clara».

2.ª feira, 10; (Para 18 anos) Maureen O'Hara e MacDonald Carey no *filme* de espionagem e pancadaria, em deslumbrante colorido «Malaga» no programa outro grande *filme*.

3.ª feira, 11; (Para 18 anos) Glenn Ford no drama de emoção a pedido do público «Corrupção» e no programa o *filme* de aventuras «Forte Selvagem».

4.ª feira, 12; Um dos maiores dramas do ano «O Lenço Verde» o *filme* mais premiado e aplaudido em todo o Mundo.

Leilão de Penhores

Com bons cobertores, gabardinas, sobretudos, samarras, calças, fatos, cortes, máquinas de costura, aparelhos de T. S. F, bicicletas, relógios, ouro, prata, etc. etc.

Santos & Miranda, L.da - Rua da Cruz, 23 — no dia 22 Outubro de 1956, pelas 13 horas.

Precisa-se

— Bom ARMAZÉM de preferência, porta larga. Resposta pelo telefone 026385 — Montijo.

Trespassa-se

— LUGAR DE FRUTAS, miudezas porcinas, peixaria e hortaliças, com um pequeno sótão para habitação, junto a importante centro industrial, por motivo de retirada. Trata-se com o próprio, José Pinto, Bairro do Alto das Vinhas Grandes, Montijo.

D. Maria Dinorá Luz do Prado

Honra e Lustre das Letras e Artes Brasileiras

Temos entre mãos a grandemente artística Revista «Ateneia», — Notável orgão da «Academia Literária Feminina do Sul», — celebrisada pelas Figuras de grande Renome, fóra e dentro do Brasil, que a assinam e engrinaldam com seus adoráveis brilhantes e que empolgam o leitor, pelo superior objectivo de fazer ascender as Letras e Artes, enriquecendo d' est' arte o Património Nacional do Brasil, — o que, de facto, e realmente, tem conseguido.

Soeiro da Costa

(*Continua na página 6*)

Festas a N.ª Senhora da Boa Viagem

Programa

3.º dia -- Segunda-feira, 10 de Setembro

A's 8,30 horas — Alvorada com morteiros e arruadas pelo Grupo dos *ZÉS P'REIRAS.*

Das 10 às 12 horas — Primeira largada de toiros, na Avenida Teófilo Braga, número de grande atracção nesta vila.

Na Igreja — Continuação dos Festivais Religiosos.

Das 14 às 17 horas — Cumprimentos e concertos pela popular *Banda Democrática 2 de Janeiro, de Montijo.*

A partir das 17 horas — Apresentação na Praça de Toiros, do *Rancho Folclórico das Tricanas, de Agueda.*

A's 17,30 horas — Grande Novilhada, para disputa da ORELHA DE OIRO, com os grandes artistas portugueses, José Júlio, José Trincheira e Armando Soares, abrilhantada pela Banda Democrática, de Montijo.

A's 20 horas — Chegada e volta à Vila, da *Banda da Sociedade Musical da Quinta do Anjo.*

Das 21 às 22,15 horas — Primeira grande exibição para todo o público, do *Rancho Folclórico da Rua d'Além, de Agueda,* na Praça da República, seguida por concertos musicais das Bandas Democrática, de Montijo; e Musical, da Quinta do Anjo.

A's 0,30 horas — Sessão de Fogo de Artifício, com um grandioso *Bouquet final,* pelos pirotécnicos António J. Fernandes & Filhos, de Lanhelas.

BOCAGE

Por Sousa Gago

No dia 15 de Setembro de 1765, nasceu em Setúbal, Manuel Maria Barbosa du Bocage.

Seu pai, José Luiz Soares de Barbosa, foi um respeitável magistrado a quem os áridos trabalhos judiciais não impediram de se recrear com os afagos de gongoricas musas e sua mãe, D. Mariana Joaquina Lestof du Bocage, oriunda da França, virtuosa senhora de elevado talento e espírito subtil que ilustrou as letras pátrias com primores de poesia.

Assim, perfumada a sua infância por um familiar ambiente poético, osculada a sua meninice por líricos lábios maternais, se nutriu e cresceu o fulgoroso poeta que foi, mais tarde, o cantor do «Leandro e Hero», o tradutor primoroso das «Metamorfoses de Ovídio» e de «Délile», o autor do «Tristão», das cantatas «Medea» e «Inez de Castro», e dos excelentes sonetos que ombreiam com os melhores de Camões. Depois deste, foi ele o poeta mais popular, o maior vulgarizador da arte que, no dizer de Rebelo da Silva, a arrancou dos palácios trazendo-a para o meio do povo.

Foi Bocage enfim... aquele Bocage que uma grande maioria da massa popular apenas conhece pelos dichotes licenciosos e anedotas obscenas. Certos estamos de que a divulgação popular da obra anedótica e obscena do vate dimana daquele auditório frívolo dos botequins e alcouces que tão entusiástica e frenèticamente ovacionava o inimitável improvisador, o causticante repentista que fôra Bocage.

Ao lermos toda a sua obra, fica-nos a impressão de que neste insigne poeta há duas personalidades que se distinguem, embora sempre e simultâneamente amalgamadas e fundidas por aquela sublime e fulgurante centelha lírica que jamais o abandonou.

Vejamos pois se, neste despretencioso correr da pena, com os olhos postos na esplendorosa obra bocagiana e na precoce vida do vate, conseguimos caracterizar essa realidade de aparente discordância.

Com 14 anos de idade, Manuel Maria assentou praça no Regimento de Infantaria 7, de Setúbal. De precoce talento, aos 16 anos, passa do exército para a armada, com o posto de guarda marinha indo residir para Lisboa.

Uma vez aí, numa encantadora profusão de admiráveis endeixas, de inestimável lirismo, logo se tornou o triunfador de Parnaso onde colhera estonteantes palmas, vertiginosas aclamações num mixto de paixão e amor. E, tal como acontecera a Camões, esta natural aquisição de fatal prestígio teria sido a causa do seu despacho para a India em 1786, para onde seguiu numa corveta com escala pelo Rio de Janeiro.

Nesta cidade onde não faltaram amores a seduzi-lo, foi recebido e adorado no melhor meio social. Já então usava o nome pastoril de Elmano Sadino *com o qual entrara na Nova Arcádia*

Partiu depois para Goa onde chegou em Outubro daquele mesmo ano. Uma vez aqui, logo o seu estro se expande sobre as belezas do Oriente, não escapando à fustigante impetuosidade das suas sátiras os costumes indígenas.

Atentos os merecimentos do poeta foi ele nomeado tenente do regimento das praças de Damão donde, fortemente atacado pela nostalgia, desertou, sem rumo certo, indo ter a Macau. Esta deserção é afirmada por Teófilo Braga, entretanto, outra versão há e é a de que o poeta vendo-se a braços com uma sociedade, então mesquinha e rasteira perante o seu génio, desafogou em impetuosos e violentos impropérios que lhe valeram a deportação para Macau.

Em toda esta procelosa vida se nota inegável analogia com a do nosso grande épico.

E Bocage sente estes pontos de contacto nas suas almas gémeas, exteriorizando-os, quando diz:

Camões, grande Camões, quam semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Egual causa nos fez perder o Tejo,
Arrostar com o sacrílogo gigante

Como tu, junto ao Ganges sussurrante
Da penúria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Também carpindo estou, saudoso amante;

Ludibrio, como tu da sorte dura
Meu fim demando ao céu, pela certeza
De que só terei paz na sepultura:

Modelo meu és... Mas ó Tristeza
Se te imito nos transes da Ventura,
Não te imito nos dons da Natureza.

(**Continua no próximo número**)

Pequenas Biografias

Isadora Duncan

IV

Venho hoje biografar uma mulher. Escolhi Isadora por me parecer das mais originais, dos maiores talentos, dos génios desaparecidos.

Isadora é quase um mito, um sonho que se esvaiu nas sombras do passado, deixando, no entanto, o perfume estranho da sua personalidade nos caminhos mais sublimes da Arte.

Há no mundo seres que parecem predestinados a altos voos e a tremendas castástrofes. Isadora foi um desses. Toda a sua vida foi um complexo de beleza e de desgraça. Subiu aos píncaros das glórias terrenas e desceu aos socalcos das infelicidades que destroem e arrasam.

Nascida em S. Francisco, em 1878, frente ao mar onde se moviam as ondas como numa dança, logo na infância se inspirou para a Arte que pela vida fora a devia abrasar. Aos seis anos reunia as crianças vizinhas e ensinava-as a ondular os braços, como que para uma dança rítmica. Depois, mais ao diante, sempre envolta no seu sonho de bailados, instalou uma escola para criar dançarinos.

A família era pobre. Sua mãe, separada do marido, com quatro filhos, passava misérias e desgraças.

Esperançada no valor dessa arte estranha que idealizara, partiu para Chicago com a mãe, pensando em melhorar a situação familiar.

Dançou para os empresários, embrulhada numa túnica grega com que fantasiava os passos estravagantes; os empresários, porém, não a compreendiam, nem aceitavam danças nebulosas, sem os picantes escabrosos do costume. A muito custo arranjou um contrato, — o seu primeiro contrato —, e, contrariada, bailou sem originalidade, apenas para não morrer de fome. Não a deixavam dançar como sonhara.

Ela bem prègava: — Descobri a *dança*. Descobri a arte que se perdeu durante dois mil anos. Trago a ideia que vai revolucionar toda a nossa época...

A rotina, essa velha matrona de força incomensurável, não se comovia. O coro trágico, a grandeza do antigo teatro grego, a arte pura, sublime, espiritual, — tudo esbarrava na imutabilidade dos empresários... de bilheteira.

Certo dia um incêndio devorou o hotel onde ela e a mãe viviam.

Ficaram na penúria. Nem uma simples mala escapara!

Isadora mete-se num navio de transporte de gado e parte. Aos amigos que lhe perguntavam para onde ia, respondia: — Marcho rumo ao triunfo!

Foi para Londres com seu irmão Raimundo. Aí consegue dançar em banquetes ao ar livre e começa a impressionar. Parte para Paris. A sua arte vai a triunfar. Afirma: — Nada de dançar como um títere, como uma boneca de engonços, como uma artista de ginástica. É preciso acabar com o absurdo do arabesco e do grotesco. O meu corpo liberto funda uma nova religião!

E segue a Viena, a Berlim, a Budapeste, a Munique. Dança a Bacanal coberta de rosas vermelhas, parece uma estátua viva, feita de luar! O seu triunfo é quase realidade. Enfileira a sua arte «entre os quadros de Leonardo, a música de Vagner e de Beethoven, as epopeias dos santos e dos heróis». Vive para a posteridade que a contempla!

Começa, então, a vida amorosa e também aventureira da artista. Teve uma filha de Craig, (filho da famosa actriz Ellen Terry). Sobe o Nilo com Patrik, pai doutro filho. Deambula de amante para amante, como se o Amor fosse outra dança.

Encontra-se agora em Paris com esses dois filhos, que já dançam com túnicas brancas a sua arte. O infortúnio, porém, não a desamparava. Os filhos morrem no Sena, submersos num automóvel que os conduzia. Isadora procura não morrer também. Entrega-se mais à sua religião. Dança com mais beleza. Era a dor, o sofrimento que a inspirava! Parte para a Albânia, ainda com o irmão. Passa vida de vagabunda, dedicando-se a obras de beneficência, de humanitarismo. Volta a Paris. A primeira guerra mundial iniciava a sua tarefa de luto e destruição. Isadora dança para os soldados, atordoa-se, até que a sua escola é transformada num hospital. Adoece gravemente e assiste à marcha dos acontecimentos no seu leito de enferma.

Forma-se na Rússia um governo revolucionário e ela parte. Funda em Moscovo uma escola de dança para crianças. Aí faz a expansão da sua religião sonhada, crendo no poder exuberante da sua arte a favor duma Humanidade melhor.

O Mundo não estava preparado para essa arte. A escola terminou sem êxito. Apaixona-se por Sergei, — poeta da revolução —, de quem podia ser mãe pela idade, e volta com ele para Paris. O poeta, porém, era um nevropata, tinha crises espantosas, e a vida transforma-se para a artista num verdadeiro inferno.

São expulsos da França, atravessam a fronteira alemã e, depois de prisões

(*Continua na página 6*)

MOITA DO RIBATEJO

As Festas da Boa Viagem na Moita do Ribatejo começam no Sábado, com um brilhante e vasto programa

Moita em Festa!

A gentil e castiça vila da Moita do Ribatejo, prepara-se com afã, para rejubilar neste áureo período de cinco dias, — de 8 a 12 do corrente mês, pela realização das suas brilhantes festas a Nossa Senhora da Boa Viagem.

As festas e solenidades religiosas que anualmente alí se realizam são típicas, dum sabor puramento ribatejano; e este ano prometem atingir maior culminância, que deverá sobrelevar em esplendor, tudo o que a nossa vizinha Moita costuma oferecer em ineditismo, por ocasião das suas tradicionais festividades à Virgem, sua padroeira.

As suas solenidades religiosas; a bênção dos barcos, no seu cais marítimo; os concertos musicais, por numerosas e afamadas Bandas; exibições de ranchos folclóricos; as largadas de toiros, para folgança de amadores; valiosas toiradas, na Praça Daniel do Nascimento; e a majestosa homenagem ao Mestre do Toureio Equestre, João Branco Núncio, tudo decorrendo num ambiente festivo; de deslumbrantes decorações, iluminação cintilante e lançamento de vistosos fogos de artifício, — no que respeita ao seu arraial e Feira Franca —, serão motivos de imponência, naquela garrida vila ribatejana.

Essas manifestações de vida intensa, — expressão sincera dos sentimentos da população moitense —, quanto à sua fé religiosa, em louvor a N.ª Sr.ª da Boa Viagem, e justa admiração pelo insigne Mestre da Arte de Marialva, merecem-nos as mais vivas simpatias, que, estamos certos, serão correspondidas pelas dezenas de milhar de forasteiros, que ali acorrerão nesse auspicioso período festivo.

J. Miguel Martinho

A PROVÍNCIA

e a Moita do Ribatejo

Sumário do próximo número:

Reportagens das Festas a Nossa Senhora da Boa Viagem, e da Homenagem a Mestre João Branco Núncio — Realizações de Actividade Municipal.

Festas a N.ª S.ª da Boa Viagem

Programa

4.º dia -- Terça-Feira, 11 de Setembro

Dia de Homenagem a Mestre João Branco Núncio

Das 8 às 12 horas — Alvorada de morteiros, arruadas dos ZÉS PEREIRAS.

Continuação das Cerimónias Religiosas, na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem.

Segunda largada de toiros, na Avenida Teófilo Braga, com inúmeras peripécias de toireiros e forcados improvisados.

A's 14 horas — Início da organização do *Majestoso Cortejo de recepção ao grande Mestre da Arte de Marialva, ex.mo sr. João Branco Núncio*, pela homenagem que lhe é devida por todos os aficionados da FESTA BRAVA.

No cortejo, figurarão todos os aficionados, corporações de bombeiros, deputações das colectividades da Moita, com os seus estandartes, o Rancho das Tricanas de Águeda, e a *Banda da Sociedade Filarmónica Timbre Seixalense*, do Seixal.

A's 16 horas — Desfile pela artéria principal da vila até à sede da Associação de Socorros Mútuos «União Moitense», na Avenida Teófilo Braga.

Sessão solene no Salão Nobre da Associação, de Boas Vindas ao ilustre visitante, seguida de descerramento, no átrio da Praça de Toiros «Daniel do Nascimento», da fotografia do homenageado, *Grande Mestre do Toureio Equestre em Portugal*.

A's 17 horas — Terceira exibição, na Praça de Toiros, do Rancho das Tricanas de Águeda.

A's 17,30 horas — Monumental corrida de toiros, em que actuarão os matadores *Diamantino Viseu* e *Chico Mendes*, os cavaleiros *Simão da Veiga* e *D. Francisco Mascarenhas*, e abrilhantada pela *Banda Timbre Seixalense*. Toiros fornecidos pela importante ganadaria do sr. José Pedrosa.

A's 20 horas — *Na nova sede da Sociedade Capricho Moitense*, jantar de homenagem a Mestre João Branco Núncio, no qual falarão vários admiradores do homenageado e serão cantados os *Fados Castiços do Ribatejo, dos Diestros, e o da Moita*, além de outras surpresas do momento.

A's 21 horas — Chegada da afamada *Banda da Sociedade Filarmónica Palmelense «Os Loureiros»*.

Última exibição do *Rancho Folclórico da Rua D'Além, de Agueda*, com os seus típicos e lindíssimos trajes, de tricanas, as suas danças donairosas, suas canções folclóricas, e seus fados arrebatadores.

Até às 0,30 horas — Brilhantes concertos musicais, pelas Bandas das sociedades *Timbre Seixalense* e *«Os Loureiros»*.

No final, uma valiosa sessão de *Fogo de Artifício*, preso, composto de muitas peças, dos pirotécnicos de Lanhelas, srs. António J. Fernandes & Filhos.

A fachada principal da Praça de Toiros Daniel do Nascimento

Nas Festas da Boa Viagem na Moita do Ribatejo, há este ano, um dia dedicado a Mestre João Branco Núncio

Não sendo já este o dia inicial das festas tradicionais nesta vila, o maior dia das festividades religiosas em honra de Nossa Senhora da Boa viagem, na Moita do Ribatejo, é o de domingo, inteiramente dedicado às cerimónias, no templo e nas ruas.

É nesse dia que se canta missa solene na igreja matriz e há comunhão geral, às 12 horas. Depois, é a romagem de milhares e milhares de pessoas, que vão pedir graças à Virgem padroeira da vila ou pagar promessas por favores recebidos. À tarde, realiza-se a maior procissão do Sul do País, com as irmandades e confrarias da vila e do concelho, vinte e dois andores decorados com arte e dezenas de crianças, vestidas de virgens e de anjos. No cais, a empolgante cerimónia da bênção dos barcos, com o andor da Virgem até à escadaria, no meio do barulho ensurdecedor dos ribombos dos foguetes e morteiros, que os marítimos e pescadores queimam em honra da sua padroeira. É um espectáculo que nunca mais esquece!

Logo que a procissão recolhe ao templo, começam a feira e concertos musicais pelas mais famosas bandas de música do distrito setubalense; e, à noite, há arraial e fogo de artifício.

Na segunda-feira realiza-se a primeira largada de toiros, nas ruas; e, à tarde, uma novilhada, na praça Daniel do Nascimento, com a participação dos novilheiros srs. Armando Soares, José Júlio e José Trincheira, que disputarão uma orelha de oiro; à noite, feira, arraial, concertos musícais e fogo de artifício.

O quarto dia das festas é dedicado ao Mestre João Branco Núncio, cujo retrato será descerrado no átrio da praça de toiros; realizando-se também, à noite, um banquete em honra do notável cavaleiro: às 21 horas, concertos musicais, feira, arraial e fogo de artifício,

E assim, sentindo-se perpassar o sentimento religioso e crente da população do concelho da Moita e dos seus inúmeros fiéis, desde o primeiro dia destas festividades; é ainda no quinto dia e último, que na sua igreja matriz, se prestam honras festivas à sua padroeira, Nossa Senhora da Boa Viagem.

Sete bandas de música tomam parte nos festejos, e também fará brilhantes exibições o Rancho de Tricanas da Rua de Além, de Agueda.

Ninguém deve faltar às Festas de Nossa Senhora da Boa Viagem, que são a maior romaria que se efectua no Sul de Portugal.

A Procissão de Nossa Senhora da Boa Viagem

Esta cerimónia, a que normalmente assistem cerca de 50.000 pessoas, vindas de toda a parte do País, pode-se considerar única, não pela pompa ou pelo inédito quantitativo de 22 andores ricamente engalanados mas, sim, pelo surpreendente significado da BÊNÇÃO do rio e dos marítimos, em que a originalidade da fé, faz elevar aos Céus, centenas de milhar de morteiros, de tiro reforçado, lançados ininterruptamente, a darem, pelas suas cambiantes de som, a impressão nítida de esmagadora e pavorosa trovoada, pairando assustadoramente sobre a Terra, que treme, colidindo nervos, impondo respeito e a certeza duma força que, uma vez, ante a presença da devotada imagem de *Nossa Senhora da Boa Viagem*, aos poucos se acalma, como que refreada pelo seu querer mais forte e supremo. Quadro comovente, de elevada sensação, tocante de grandiosidade.

F. F. C.

Festas a Nossa Senhora da Boa Viagem, na Moita

Nossa Senhora da Boa Viagem

«O culto a Nossa Senhora da Boa Viagem, que se espalha por todo o Mundo católico, atinge o mais elevado grau na Moita do Ribatejo.

Terra fundada por marítimos, é já bem longínqua esta veneração, pois data do século XVII.

A Procissão uma das mais imponentes de quantas se realizam neste nosso Portugal cristão e atinge a culminância da fé na grandiosa recepção, a todos os títulos imponentes, que lhe é prestada no cais da vila pela classe marítima.

São dezenas, senão centenas de milhar de foguetes e morteiros de todos os calibres, ribombando como enorme trovoada, quando a Senhora desce até às últimas pedras do tabuleiro do cais a abençoar a classe desta vasta região marítima, que aqui vem, propositadamente, prestar o seu culto à Virgem Santa, e à Qual, nas horas mais aflitivas, implora protecção nas suas lutas sobre as vagas altaneiras do mar».

Augusto Rodrigues de Almeida

Vice-Presidente da Comissão das Festas a Nossa Senhora da Boa Viagem.

(Tanserito com devida vénia, do nosso confrade «FESTA»).

Festas a Nossa Senhora da Boa Viagem

Programa

2.º dia -- Domingo, 9 de Setembro

A's 8 horas — Alvorada com morteiros.

Chegada dum agrupamento de *Zés P'reiras*, dos mais importantes do Norte, composto de gigantones, cabeçudos, caixas e bombos, que alegrarão a Moita, com as suas danças e festadas regionais.

A's 12 horas — Missa solene cantada pelo GRUPO CORAL DA IGREJA, e acompanhada a grande instrumental, com pregação, por um dos mais ilustres Oradores Sagrados da Capital.

Das 14 às 17 horas — Chegada das Bandas da *Sociedade União e Trabalho, do Pinhal Novo*; *Imparcial 2 de Janeiro, de Alcochete*; *e Perpétua Azeitonense, de Azeitão.* Estas Bandas visitarão as ruas da Vila, executando a Marcha MOITA DO RIBATEJO, da autoria do Maestro, Sr. Rodrigo Valério, seguindo-se concertos musicais, pelas três filarmónicas.

A's 16 horas — NO CAIS — Concurso habitual de barcos melhor decorados, para a procissão, com diversos prémios. O Júri será presidido pelo Ex.mo Snr. Presidente da Câmara Municipal da Moita.

A's 17 horas — Imponente procissão em honra de Nossa Senhora da Boa Viagem, incorporando-se todas as Irmandades da Moita e arredores, com a imponência dos anos anteriores.

Inegualável e comovente cerimónia da Benção aos Barcos, pela Virgem Nossa Senhora da Boa Viagem.

Tomam parte no Cortejo religioso as Bandas de música União e Trabalho, de Pinhal Novo; Imparcial, de Alcochete; e Perpétua, de Azeitão; e várias deputações de Bombeiros.

De tarde e à noite — Continuam as arruadas pelo Grupo dos ZÉS P'REIRAS.

A's 20 horas — Chegada ao Largo dos Combatentes, do maior e mais completo rancho folclórico que tem visitado a Moita: *O Rancho de Tricanas da Rua d' Além, de Águeda*, composto de meia centena de figuras, 1.º prémio do Concurso Folclórico de Tânger, e que nas festas *Gualterianas*, deste ano, entusiasmou toda a assistência, com os seus cantos populares, marcações, fados e viras típicos.

Das 21,30 às 0,30 — Concertos pelas Bandas de Alcochete e Pinhal Novo.

A's 0,30 — Primeira Sessão de Fogo de Artifício, no espaço e preso, dos pirotécnicos António J. Fernandes & Filhos, de Lanhelas.

Até ao alvorecer, iluminações, descantes populares e desgarradas, e inúmeras diversões da Feira Franca.

Transportes

Estão absolutamente assegurados para toda a parte do país, os transportes, por barcos, caminhos de ferro e camionetas, todos os dias, em carreiras sucessivas, e até à madrugada de quinta-feira.

AS LARGADAS DE TOIROS

Na Moita, como nas demais terras da Borda d' Agua, a prática de se lidar com toiros na rua, tendo só como defesa uma qualquer improvisação momentânea, é brincadeira tão arriscada, impressionante quanto divertida, que necessário é ser-se bem dotado de arrojo, perseverança, argúcia, corrida ou força, requisitos que, afinal, transparecem, pois são apanágio dos filhos do Ribatejo.

E, não será uma marrada que os levará ao ar, para quedas, por vezes aparatosas, nem o risco duma colhida mais grave, razões suficientes para lhes suster o ânimo ardoroso, porquanto uma vez a salvo, ei-los que voltam à liça, na provocação de novas arremetidas.

Exaltação máxima de coragem garbosa, em que o espectador, sugestionado, não quebra o vivo interesse, pelo sensacional da Festa, que bem toca as raias do espectaculoso.

Aspecto nocturno do Arraial nas Festas a Nossa Senhora da Boa Viagem.

Festas a Nossa Senhora da Boa Viagem

Por imperiosa falta de espaço, não poude ser incluido neste número de «*A Provincia*», o programa do 5.º dia de festas, 4.ª feira, dia 12 do corrente.

Dessa forçada circunstância, apresentamos as nossas desculpas à digna Comissão de festas, da Moita, e aos nossos estimados leitores.

A Moita, de relance

«Disse o altíssimo poeta TEIXEIRA DE PASCOAIS que «cada indivíduo representa uma Vitória, em carne, mas incompleta ou mutilada, como a de Samotrácia. Embora de asas abertas, não arranca do pedestal.

Sem paralélo ambicioso da minha parte, a luminosa definição lembra-me este estado de alma que me traz o coração cativo da minha terra, da qual meu pensamento por mais asas que lhe dê, não pôde, nem pode jamais desferir vôo.

E isto, aos olhos do leitor, justificará, por ventura, a impertinência dos acentos de ternura bairrista com que, a propósito das Festas à Senhora da Boa Viagem, me vou referir à Moita.»

J. L. da Cruz

Um aspecto da procissão a Nossa Senhora da Boa Viagem.

O PROBLEMA ECONÓMICO

(Continuação da primeira página)

O agravamento populacional, o desvairo dos grandes centros, a moral combalida, os efeitos de duas guerras, a desorientação gerada e agravada, — tudo tem concorrido para que, por sua vez, se agrave esse problema.

É claríssimo que, se todos tivessem o suficiente para viver, o problema não existiria.

Se cada um tivesse uma casa, o pão de cada dia para si e para os seus, as vestimentas, o bastante para diversões, escola, biblioteca, parque de jogos, trabalho certo, transportes, assistência, reforma para a velhice, — tudo estaria arrumado e faltariam os principais motivos para discórdias.

Sucede, porém, ao contrário.

O nível de vida é deficitário e a luta é permanente, esgotante, entre o que se aufere e o que medianamente é necessário para fazer face ao indispensável.

Todos os outros benefícios citados, precisos pelo lado material e mais ainda pelo aspecto cultural das massas, são iguarias que constituem benesses inatingíveis.

Nesta conformidade, o problema económico de cada um é uma tortura de todas as horas, em que se debatem as necessidades contra o impossível, e daí o desânimo, a descrença, o desapego das ditas massas pelas questões culturais e educativas.

Não há forma de ninguém se interessar pelas questões do espírito quando o regime vital é deficiente, absorvidas como andam as multidões pelo seu problema individual e familiar.

Dizem-me às vezes que se não compreende bem como é possível haver crises à vista do pandemónio que observamos.

Daqui se tiram conclusões que são outros tantos argumentos contra a gravidade apregoada desse problema.

Ora a verdade é que se trata duma pequena minoria em relação ao cômputo populacional, e essa minoria não pensa no dia de amanhã, procura o momento que passa para esquecer os momentos dolorosos que a esperam e, insensatamente, esbanja no gozo e nos prazeres o que depois lhe não acode quando as permências aparecem.

Esta minoria não pode, portanto, servir de exemplo, nem de explicação. A maioria é que justifica as nossas considerações, e essa é que demonstra a seriedade desse problema económico.

Eis porque continuo afirmando que ele é a primordial origem do mau estar das populações e, por consequência, dos respectivos países.

Álvaro Valente

Coisas extraordinárias

(Continuação da primeira página)

Nem que fosse um tostão ao menos...

Olhando com altivez o mendigo que ousara intrometer-se naquela tão *importante* conversa, replicou abruptamente:

— Deixa-me em paz, que nada te posso dar!

— Mas...

— Já te disse, some-te! Deixa-nos ouvir «a rádio!... Vai-te!

E o pobre de Cristo, tímido, envergonhado, vendo a austeridade da ordem, esgueirou-se lesto para outra mesa, deixando atrás de si, o rasto inolente da humildade...

E eu, que fui o espectador atencioso do quadro, por momentos me alheei de tudo. Quedei-me num mutismo silencioso, cogitabundo, olhando não sei que ponto fixo da sala. Esqueci a cena e os seus personagens. Semicerrei os olhos. E só vi nuvens escuras como o negrume da noite. ... Sombras voláteis em fantasmagóricos bailados, rodopiando, rodopiando, rodopiando sempre em estranho redemoinho... Um conto tenebroso à maneira de Edgar Poe.

E quando «voltei» a mim, achei-me a filosofar barato. Pus-me então a magicar este apontamento tristonho, que redigi ali mesmo, naquela mesma mesa, entre os meus pensamentos terrivelmente pessimistas e o fumo divagante dos cigarros dos outros...

A realidade insofismável é esta, senhores! Os homens quando querem fazem grandes coisas... Coisas extraordinárias...

José António Moedas

Um conto de vez em quando

ZERO HORAS

Por Miguel Alves

Da janela do seu quarto, Marina, olha para a rua. Os transeuntes movem-se em vários sentidos. Passa um eléctrico. Uma mulher dobra a esquina: o vento levanta-lhe as saias: homens olham. Nas lojas, acendem-se as luzes. É noite. No topo dos edifícios altos da cidade, surgem os rèclames multicolores. Em baixo, o desfilar da vida para a vida. Marina, fecha a janela. Volta-se para o interior do quarto. A um canto, num divã, a irmã bate-se com a tísica. Sentada, junto dela, a mãe. No meio do estreito cubículo, uma mesa: sobre ela, velho e rasgado, «*O homem, esse desconhecido*». Marina olha para o livro: pensa no Pai. Desaparecera. Era um desconhecido. Seguira os seus ideais... *Talvez os não tivesse.* Recordava-o. Deixara-a com quinze anos. Recursos não havia. Cedo iniciou a vida, uma vida que lhe era totalmente desconhecida — como o pai.

Assegurara, por um modesto emprego, o sustento da irmã doente, da mãe inválida. Oito anos a separavam desse tempo que recordava... talvez com saudade. Era a vida. A força da vida. O destino. Encostada à janela, com as faces contraídas e o cabelo sobre o rosto, fita a irmã. Está linda no seu leito de dor. Dorme. Nas mãos, definhadas, um rosário: símbolo de fé. A mãe, trôpega, vela o sono da filha. Silêncio. De fora, chega até Marina o badalar melancólico das dez horas: do canto do quarto, a respiração entrecortada da irmã. Olha para a mãe. Está velha, alquebrada. O tempo passa e uma recordação fica. Para ela, a de uma existência que não viveu. Pensa no *desconhecido.* Marina tem um ligeiro movimento. Entreabre a janela. Fita, de novo, a rua. O movimento diminuira sensivelmente. Uma mulher desce a rua. Os seus passos denotam incerteza. Pára. Um homem passa por ela. Os seus olhares cruzam-se. O homem não pára, segue. Ela segue também. Ao fundo da rua torna a parar. Olha para trás. Dobra a esquina. Desaparece. Marina volta a fechar a janela. O seu olhar percorre o quarto. No meio do silêncio, a respiração de dois seres. A mãe e a irmã dormem. Sobre uma cadeira, junto ao leito da irmã, uma garrafa vazia: um copo e uma «*amostra gratuita*» de um antibiótico. Sobre a mesa, ao meio do quarto, o velho livro. Em frente, na parede, carcomido pelo tempo, um cuco. Os ponteiros, parados, marcam zero horas. A velha ave, imóvel, já não canta. Perdera o cucular, há muito, em luta com a traça. Fixa o olhar nos ponteiros. Não avançam. Estão parados. Desejaria que avançassem. Zero horas, o termo duma existência. Um minuto mais e seria o começo dum fim. A sua vida estava num minuto. Um minuto que seria toda a sua existência futura. A perda da sua honra. A salvação dos seus. A opulência. A ignomínia. O desprezo. Os seus olhos continuam fixos no relógio. Começam a nevoar-se. Os ponteiros rodam vertiginosamente.

Marina oscila no trapézio da vida. A indecisão impera no seu âmago. Encontra-se perdida. A implacável justiça dos homens, cai sobre si. Caminha, despida, entre eles. É escarnecida. Desejada. Querem-na. Condenam-na. Volta à realidade. Abre os olhos. Fita o relógio. Os ponteiros, imóveis, indiferentes ao tempo, marcam zero horas. A irmã aperta, de encontro ao peito, o rosário. Aos pés, a mãe adormecida. Marina abandona a janela. Pé ante pé, atravessa o estreito cubículo. Abre a porta. Sai. Entra no quarto contíguo. Cai sobre o leito. Adormece. No rosto, traços evidentes dum sofrimento atroz. Nos olhos, um sorriso vitorioso. Na sua alma de criança, permanecerá, a exaltação da sua vitória.

José Teodósio da Silva
(Herdeiro)
Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)
Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.
Fabricos pelos sistemas mais modernos.
Rua Formosa 8 — Telef. 026204 — 9
MONTIJO

POETAS DE PORTUGAL

JARDIM AO LUAR

Noite de Agosto; nessa noite quente
A minha fantasia, deslumbrada,
Julgou que via a Terra transformada
Por um luar estranho e refulgente.

No teu jardim, à luz resplandecente,
Tudo era sonho: a Lua, reclinada,
Era Deusa de pedra, desnudada;
No grande lago azul, fosforescente,

Já não dormiam cisnes. A magia,
Que dessa noite calma evoluia,
Tinha-os enfeitiçado: eram ondinas

Que bailavam nas águas irreais,
E, as cabeleiras de algas e corais
Cobriam suas formas femininas...

Maria Albertina Baeta

UM VELHO TEMA

(Continuação da primeira página)

mo desenvolvimento nos primeiros tempos da sua vida extra-uterina.

Por consequencia, há que tratar, em primeiro lugar, da protecção à mulher grávida, e depois à mãe e aos filhos, simultaneamente.

Alguma coisa se tem feito, realmente, com esse objectivo, mas por muito que se faça é sempre pouco o que se realiza.

E se tivermos em conta que uma Nação só pode ser forte se os seus filhos forem robustos de corpo e fortes de espírito, há que concordar que o Estado, orientador da vida da Nação em multiplos dos seus aspectos sociais e económicos, tem de assumir inteira responsabilidade na protecção à mulher grávida e á criança.

Seria pois o ideal:

A generalização do repouso, antes e depois do parto, das mulheres com ou sem ocupação fóra do lar; a criação de tantas maternidades, postos e dispensários destinados às mulheres grávidas e seus filhos, quantas as necessidades verificadas; a concessão de subsidios pecuniários às mulheres grávidas, antes e depois do parto, quando sejam pobres e tenham ou não ocupação fora do lar; e o largo ensinamento dos preceitos higiénicos e de puericultura que as mulheres devem cumprir, quando estão grávidas e depois do nascimento dos filhos.

POR **Amaral Frazão**

Parece-me que este programa, para principiar, não seria de todo mau.

Oxalá que ele, um dia, seja posto em prática.

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar
Luís Moreira da Silva
Rua Almirante Reis, 27
Telefone 026 114
MONTIJO

A nova arte Rinocerontina

Por J. J. Caria

Contrariando a natural reacção contra o exagerado aparecimento de ideias estranhas, e não obstante o notável «poder de encaixe» que o homem contemporâneo adquiriu, mercê da onda sempre crescente de conceitos bizarros e pensamentos disparatados, ainda surgem de quando em quando ideias e factos que nos deixam pasmados perante a audácia da sua concepção,

Já em tempos, neste Jornal, fizemos referência às diversas escolas de pintura e formas de pensamento ultra-modernistas, salientando a enorme confusão de formas e estilos a que artistas excêntricos e oportunistas reduziram a arte.

Pois bem, como se já não bastassem todas essas aberrações com que certos artistas modernos nos têm mimoseado, o pintor espanhol Salvador Dali ultrapassou tudo o que até hoje se havia concebido de sensacional, anunciando à Imprensa há bem poucos meses que brevemente iria lançar a arte «rinocerontina»!

Afirma o notável homem do pincel que o nosso século (pobre século!) é a idade do rinoceronte branco! É boa, nunca tinha dado por isso! Bem sei que também nunca vi um rinoceronte branco, e é bem possivel que se um dia esbarrasse com um destes animaizinhos (esbarrasse é força de expressão, muita força mesmo!) formulasse o mesmo pensamento de Salvador Dali. No entanto, estou convencido de que a simples presença do bicho não me deixaria formular outro pensamento que não fosse o da fuga.

Vai no entanto ainda mais longe a ideia surrealista do pintor espanhol, afirmando com «ingénua» naturalidade que o símbolo supremo (!) do nosso tempo é sem duvida o chifre do rinoceronte branco! E não é sòmente o simbolo do nosso tempo como também o símbolo da castidade!

Mal pensa o grande neurasténico das planuras africanas que o chifre forte e recurvado que ostenta no focinho emana tanta espiritualidade e pureza! E eu que o considerava um bicho feroz e repelente... Estava enganado! Estava eu e muita gente boa! Porque, francamente, esta ideia de considerar o chifre de um animal simbolo de tantos sentimentos puros não aparece assim de repente. Mas aparece... e aí é que está o mal!

Interessante também a declaração de Salvador Dali, de que iria lançar a arte rinocerontina no «Ballet» da Coroação do tão falado casamento do Principe de Mónaco. Nesse «Ballet» o bailarino apareceria envergando um trajo em forma de... chifre. Como o «Ballet» não é francamente o meu forte atrevo-me a perguntar em que bases coreográficas assentaria o tal bailado? E o bailarino, que é como quem diz o chifre, actuaria embolado ou desembolado? Por analogia tauromáquica sou levado a imaginar que o espectáculo deveria consistir em repetidas investidas do bailarino-chifre contra as restantes dançarinas, as quais tentariam furtar-se a essas marradas de castidade, executando graciosos passes, naturais ou não, que iriam desde a vulgar «verónica» à elegante «manuletina», não esquecendo o ajudado por alto, cujo unico mérito consiste em ser executado um pouco mais acima que o ajudado por baixo. No final do bailado é bem possível que algumas bailarinas fossem chamadas aos «tércios»... Seria assim?!

Ora francamente, amigo Dali, esta do «rinocerontismo» não lembra ao diabo! Essa ideia deve ter-lhe surgido num jardim zoológico, com toda a certeza! Chama-se a isso «gozar» com a humanidade em geral!

E nós que devemos fazer? Para nós próprios não precisamos fazer nada. Os homens da nossa época estão já suficientemente imunizados contra essas psicopatias artísticas, para nelas só acreditar por doença ou quem quer, por snobismo ou conveniência própria!

Temos porém o dever de lutar para evitar que tais aberrações se generalizem e criem raizes na mentalidade humana. Torna-se absolutamente necessário obstar a que se deturpe e corrompa o clássico conceito de «beleza e estilo», e que amanhã, quando nossos filhos pretendam inspirar-se e criar obras de arte, o não façam diante dum chifre, quer ele seja de rinoceronte branco ou boi de carreta!

D. Maria Dinorá Luz do Prado

(*Continuação da página 4*)

Da mesma Revista, — logo após o soberbo trabalho de D. Aurora Wagner, «Rumo ao Alto», — que exalta, com justiça, a acção do Alto Prestígio exercida e mantida pela «Ateneia», abrindo, assim, com chave de oiro, o número comemorativo do seu 6.º aniversário, — aparece a poesia «Serás outro, verás»... da apreciada e festejada poetisa D. Maria Dinorá Luz do Prado — devéras conceituosa e de impressionante beleza moral e artística, que me faz pena não poder transcrever, por demasiada extensa, mas que impõe o espírito criador da sua Ilustre Autora —, o seu brilhante espírito criador e aquela Arte, que dá Notória Personalidade —, havendo-lhe merecido o 1.º Prémio da referida Academia.

E com merecida justiça que exaltamos e louvamos a obra poética de tão grande relevo artístico, — apresentando à sua tão Ilustre e Brilhante Autora — D. Maria Dinorá Luz do Prado — a homenagem do nosso apreço, que provém da sua Excelsa Arte sobejamente provada em trabalho de tão grande requinte artístico.

Soeiro da Costa

Isadora Duncan

(*Continuação da página 4*)

e de internamentos em hospícios, seguem novamente para Moscovo. Aí, compreendendo que decaia miseràvelmente por causa de Sergei, foge para o interior enquanto ele se enforcava

Em 1927 achava-se em Nice, à beira mar, num estúdio que fundara. Estava a chegar aos cinquenta e ainda extraordinàriamente linda, — essa mulher «que emancipara as mulheres do mundo, esse génio a cujos pés se prostraram os poetas, os músicos e escultores da sua geração!».

Sonha sempre, dança para as crianças, continua a crer na sua Arte e na Beleza das atitudes...

E numa noite sacrílega, morre tràgicamente, vítima dum desastre de automóvel, estúpido, brutal! E assim termina sua vida de emoções, de vagabundagem, de misérias e grandezas, de sonhos e de ilusões perdidas!

DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Montijo, 4 - Portalegrense, 1

Sob a arbitragem do sr. Eduardo Gouveia, de Lisboa, as equipas formaram:

Montijo: — Redol, M. Luís e Cacheirinha; Neto, Barragon e Serralha; Coelho, Raul, Paulo, Mora e Ernesto.

Portalegrense: — Augusto, Santos e Roqui; Amorim, Massano e Sanina; Bigares, Brito, Moreno, Bica e Almeida.

Antes do inicio do encontro foi entregue ao atleta Serralha, um emblema em ouro, símbolo da sua dedicação e comparência em todos os jogos, oficiais e particulares, realizados na época transacta.

Embora, em inicio de época, as duas turmas foram animosas, revelando preparação adiantada e esquemas de futebol bastante elucidativos, quanto às suas possibilidades.

Neste pormenor os visitados foram mais profundos e significativos, exibindo jogadas estudadas e de fácil concepção, pelo seu aturado treino nesse sentido, e, a provar está a facilidade como chegavam à zona dos sustos, e, quando aí, o remate partia, embora quase sempre atraiçoado pela precipitação, má posição de tronco ou desconhecimento do ângulo a visar.

Sòmente Paulo foi consciente nestes pormenores.

A turma da casa, sem apreensões de maior num futuro próximo, tem oportunidade de trabalhar e organizar o seu xadrez, a fim de proporcionar futebol de factura, como é tradicional na escola Montijense.

Redol, foi o mais certo no sexteto defensivo, creditando-se de três ou quatro cortes de excelente visão, porém, quanto a nós, com culpas no tento sofrido.

Defesas e médios, com dificuldades a princípio, foram recuperando, terminando em plano médio, mas autoritário.

No ataque, Mora foi a sua principal figura, cheio de fulgurância e com poder de desmarcação, desbaratou por completo a defesa adversária, cujos esforços se tornaram insuficientes.

Contudo, a sua inexperiência na zona de tiro foi evidente.

Paulo orientou bem os seus companheiros e aproveitou de excelente maneira a velocidade do seu n.º 10, com passes rasos e medidos.

Guardamos, propositadamente, para o fim, os pontos mais débeis da turma, e, que oferecem por tal, maiores cuidados.

O defesa e asa direita, com exibição modestissima, são pontos a considerar, não sòmente pela sua exibição, como pelas suas qualidades e possibilidades, pois temos que contar com adversários mais fortes e experientes.

Os alentejanos, inferiores técnica e globalmente, foram difíceis quando utilizaram os extremos, pois estes, com rapidez e bom domínio de bola ofereceram bastante jogo inglòriamente desperdiçado.

O trio central demasiado lento a conduzir e concluir, foi inofensivo, estando por tal a partir de certo momento na base do pouco rendimento que a equipa evidenciou.

Batalhadores e regulares, os médios alas, formaram o melhor sector da turma.

Guarda-redes e defesas, incompreensíveis pelo seu abatimento depois do 2.º tento Montijense, pois foi considerável a baixa do rendimento, mais produzido pelo factor moral que físico.

Tentos apontados por Cacheirinha, Raul, Mora e Paulo, pelos da casa e Bigares dos visitantes. Boa arbitragem, que não encontrou dificuldades de maior.

A. J. Canarim

A. J. Ventura & Filho, Limitada

(*Continuação da página 3*)

ções trimestrais, devidamente garantidas por meio de letras aceites pela sociedade, e com fiador idóneo, se assim for exigido.

§ 3.º

Se o sócio herdeiro, em vez de ser embolsado da parte que lhe compete, na cota do sócio falecido, preferir a parte da cota a que tem direito, assim o comunicará à sociedade, para todos os efeitos legais, no prazo de 120 dias a contar da morte do sócio falecido.

9.º

O balanço anual será dado com referência a 31 de Dezembro e os lucros liquidos apurados, depois de deduzidos 5%, pelo menos, para o fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios, na proporção das suas cotas, e, na mesma proporção, serão suportadas as perdas.

10.º

As assembleias gerais, salvo os casos previstos na lei, serão convocadas por meio de carta registada, dirigidas aos sócios, com aviso de recepção, e com a antecipação de 30 dias, pelo menos, devendo mencionar-se sempre o assunto a tratar.

11.º

No mais que fôr omisso regulará a lei aplicavel.

Montijo, 16 de Agosto de 1956.

O NOTARIO.

(*Luciano Pereira*)

O Sorteio da II Divisão

(*CONTINUAÇÃO*)

Prometemos no nosso número transacto, dar no actual a relação dos jogos da II Divisão, abstraindo os da 1.ª jornada dos grupos Norte e Sul, já aí indicados. Mau grado nosso pela sua extensão, não o podemos fazer hoje pelas doze jornadas restantes, limitando-nos neste número a atingir até à sexta jornada, reservando os sete, ainda em falta, para o próximo número, do que temos a pedir desculpa aos nossos estimados leitores, interessados em assuntos futebolísticos.

2.ª *jornada* — GRUPO NORTE: Braga-União Coimbra; Marinhense-Sanjoanense; Boavista-Espinho; Salgueiros-Chaves; Tirsense-Leixões; Gil Vicente-Vianense e Peniche-Guimarães.

GRUPO SUL: — Olhanense-Estoril; Portalegrense-Montemor; Portimonense-Montijo; Coruchense-Leões de Santarém; Olivais-Desportivo de Beja; Juventude-Arroios; e Almada-Farense.

3.ª *Jornada* — GRUPO NORTE: — Braga-Marinhense; Sanjoanense-Boavista; Espinho-Salgueiros; Chaves-Tirsense; Leixões-Gil Vicente; Vianense-Peniche; e União Coimbra-Guimarães.

GRUPO SUL: — Olhanense-Portalegrense; Montemor-Portimonense; Montijo-Coruchense; Leões de Santarém-Olivais; Desportivo de Beja-Juventude; Arroios-Almada; e Estoril-Farense.

4.ª *jornada* — GRUPO NORTE: — Marinhense-União de Coimbra; Boavista-Braga; Salgueiros-Sanjoanense; Tirsense-Espinho; Gil Vicente-Chaves; Peniche-Leixões; e Guimarães-Vianense.

GRUPO SUL: — Portalegrense-Estoril; Portimonense-Olhanense; Coruchense-Montemor; Olivais-Montijo; Juventude-«Leões» de Santarém; Almada-Desportivo de Beja; e Farense-Arroios.

5.ª *jornada* — GRUPO NORTE: — Marinhense-Boavista; Braga-Salgueiros; Sanjoanense-Tirsense; Espinho-Gil Vicente; Chaves-Peniche; Leixões-Guimarães; e União de Coimbra-Vianense.

GRUGO SUL: — Portalegrense-Portimonense; Olhanense-Coruchense; Montemor-Olivais; Montijo-Juventude; «Leões» de Santarém-Almada; Desportivo de Beja-Farense; e Estoril-Arroios.

6.ª *jornada* — GRUPO NORTE: — Boavista-União de Coimbra; Salgueiros-Marinhense; Tirsense-Braga; Gil Vicente-Sanjoanense; Peniche-Espinho; Guimarães-Chaves; e Vianense-Leixões.

GRUPO SUL: — Portimonense-Estoril; Coruchense-Portalegrense; Olivais-Olhanense; Juventude-Montemor; Almada-Montijo; Farense-«Leões» de Santarém; e Arroios-Desportivo de Beja.

(*Continua*)

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

Electro - Mecânica de Montijo

DE

António Baeta & Filhos, L.da

Motores = Bombas = Bobinagens

Ao iniciar o seu terceiro ano de actividade, vem por este modo agradecer, a todos os seus Ex.mos Clientes e bons amigos, o favor de os terem distinguido com as suas prezadas ordens.

do Minho ao Guadiana

ALHOS VEDROS

Sociedade F. União e Recreio de Alhos Vedros

As comemorações do 87.º aniversário da fundação desta honrosa colectividade musical e recreativa, decorreram brilhantemente nas solenizações levadas a efeito, no passado dia 19 do mês findo.

Foi um acontecimento de destaque na vida associativa local, significativo do revigoramento da mais antiga agremiação desta histórica vila, graças aos esforços dos actuais corpos gerentes da Sociedade Filarmónica Recreio e União, que em boa hora soube congraçar à sua volta, um conjunto de boas vontades para o maior prestígio da simpática colectividade alhosvedrense.

A's 13,30 horas, teve lugar na estação ferroviária da vila, a recepção pela sua banda de música, à sua congénere da Sociedade Filarmónica União Agrícola do Pinhal Novo, entre a saudação festiva de numerosos foguetes e morteiros, que ecoavam no firmamento, e de uma grande salva de palmas do povo ali presente.

A's 16 horas, organizou-se um vistoso cortejo, com representantes de várias colectividades do distrito, que era aberto por uma deputação dos Bombeiros da Moita, com o seu estandarte, e as representações das seguintes agremiações: Federação das Sociedades de Educação e Recreio, Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense (Penicheiros), Academia Almadense, Sociedade Cooperativa Operária de Crédito e Consumo, de Alhos Vedros, Grupo Recreativo Familiar do Bairro Gouveia, Clube União Banheirense «O Chinquilho», Sociedade Filarmónica União Agrícola do Pinhal Novo, Clube Recreio e Instrução, de Alhos Vedros, e Clube Recreativo Sport Chinquilho Arroteense que, festivamente percorreu as principais ruas da vila, em saudação amistosa à sua população, a qual em todo o percurso, vitoriou os componentes do cortejo, assistindo com interesse ao seu desfile.

Pelas 17,30 horas, o presidente da Direcção, sr. Fernando Rosa, deu início à sessão solene, convidando o sr. Capitão José Elísio Gonçalves Louro, presidente do Conselho Fiscal da Federação das Sociedades de Educação e Recreio, a presidi-la; e para secretários, os srs. Aníbal Pereira Fernandes, que representava a Sociedade Democrática União Barreirense (Os Franceses), e Eng.º Fonseca Vaz.

Aberta a sessão, o sr. Aníbal Fernandes leu a correspondência de várias entidades alusiva às comemorações, em que figurava uma carta do nosso colega de imprensa, «O Distrito de Setúbal», com uma vibrante saudação, pela passagem do 87.º aniversário da Sociedade.

Em representação das suas colectividades, usaram da palavra os srs. João Luís dos Santos, pelo Clube União Banheirense, que além das suas saudações, fez entrega ao presidente da Direcção, de uma placa de prata, com uma saudação gravada; Manuel dos Santos Rosa, do Grupo Recreativo Familiar do Bairro Gouveia; José Correia Pires, pela Incrível Almadense; António Macau, da Sociedade Filarmónica União Agrícola, do Pinhal Novo, que igualmente expressou o seu regozijo pelo ressurgimento da banda de música da Recreio e União, e acentuou que todas as Sociedades com o título de «Filarmónicas», deveriam manter permanentemente as suas bandas de música, palavras que foram dignas de uma prolongada salva de palmas; o sr. Taveira Santos, exaltando o valor das Sociedades Filarmónicas, recordou a existência da Sociedade Alunos de Apolo, de Lisboa, que se orgulhava de representar.

Ainda usaram da palavra, os srs. Rui Rodrigues, Paulo Figueira e Fernando Rosa, que historiou o desenvolvimento da Sociedade em festa, no campo cultural, filantrópico e recreativo.

Em seguida fêz-se entrega de diplomas aos sócios da colectividade, com mais de 25 e 50 anos de vida associativa.

Após essa cerimónia, o presidente da sessão solene, sr. Capitão Gonçalves Louro, em breve alusão aos Jogos Florais da Primavera, de 1956, fez a entrega dos diplomas e respectivos prémios aos seus vencedores, que foram os seguintes:

Prosa

1.º — José António Duarte Moura, 2.º — Álvaro Valente, 3.º — Augusto Luiz Rodrigues Guimarães.

Menções honrosas

Maria Victória Maltezinho, Maria Célia do Carmo Rodrigues, e Albertina Leal.

Poesia

1.º — José Morais Lopes, 2.º — Maria Amélia Carvalho de Almeida, 3.º — Luiza da Costa Claro Braga.

Menções honrosas

Maria Helena Calapez dos Santos, Paulo R. Figueira, e Carolina Lima Vaz.

Artes Plásticas

Só foram atribuidas menções honrosas a Maria Ana Midosi Bahuto Pereira da Silva, e a Sebastião Zambujo Martins Guerreiro.

Este acto foi realizado entre grandes aplausos da assistência que se aglomerava na esplanada da Sociedade, fazendo-se ouvir ambas as bandas de música.

A rematar esta esplêndida festa, o sr. Paulo Figueira, evocou as obras de José Duro e Cesário Verde; e ao encerrar da sessão solene, o presidente da Direcção, sr. Fernando Rosa, agradeceu a presença dos convidados, dos representantes das agremiações congéneres e da Imprensa, de cuja acção relevante fez as melhores referências.

No salão de festas da Sociedade foi oferecido um Vinho de Honra, no qual foram trocados brindes entre o Presidente da Direcção, representantes da Imprensa, etc.

Esta valiosa festa ficará memorável, por longos anos, no espírito daqueles que estiveram presentes a esta honrosa demonstração de actividade associativa.

Ainda no gabinete da Direcção e com a presença de todos os seus membros, o Presidente da Direcção, testemunhou na pessoa do representante do nosso confrade «O Distrito de Setúbal», o seu agradecimento a toda a Imprensa, que tinha acompanhado tão carinhosamente as comemorações do 87.º aniversário da Sociedade Filarmónica Recreio e União, de Alhos Vedros.

«A Província», na pessoa do seu correspondente, associa-se com o mais enternecido júbilo às brilhantes solenidades aqui levadas a efeito.

(E.)

Eu não casaria nunca com um aviador

(Continuação da página 10)

— Afinal, o Destino sempre venceu...

— É verdade. A minha vontade ficou vencida. Segui o tal caminho que o Destino me marcou. E agora, sabes o que te digo?

— Eu não. Vamos a ouvir...

— Agora digo-te o contrário: «Se casares, casa com um aviador. Não pode haver melhor marido. Os aviadores são homens leais, sinceros, fortes de corpo e de alma, dedicados e duma ternura sem par!

— Então o tal pássaro, o tal «marido a dias»...

— Ora, disparates que nós dizemos...

Fotofilme
Trabalhos para amadores
Fotografias d'Arte
Aparelhos Fotográficos
Reportagem Fotográfica
Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

N.º 21 Folhetim de «A Província» 6-9-956

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

Perto das 10 horas chegaram ao local três automóveis.

A curiosidade subiu de ponto.

Na obra houve interrogações a que ninguém sabia responder; na aldeia ia o alvoroço dos dias grandes.

Pelos carreiros que conduziam ao vale descia uma multidão ansiosa, intrigada, de basbaques ao farisco da novidade.

Lentamente, como quem não quer a coisa, iam-se aproximando, de sorte que, perto da «hora solene», já se encontravam misturados com os operários.

Ninguém fora trabalhar para os campos. A notícia, levada na véspera e transmitida deste àquele, dera como resultado a folga voluntária.

— «Um dia não são dias»! — que dianho! e um caso assim nunca houvera por aqueles sítios...

Os homens, fandingas, analisavam e bisbilhotavam: as mulheres comentavam a seu modo, criticando com malícia e atirando olhadelas lúbricas aos rapazes das funçanatas domingueiras; e até o filósofo Santana viera também subtilmente, pausadamente, para tirar suas conclusões.

Dos automóveis tinham saído senhores bem enfarpelados, circunspectos, e três ou quatro senhoras de provocadores casacos de peles e vestias de arrepelo, reluzentes de joias caras, saias pelas rótulas, malas do correio a tiracolo, rapadas e retocadas como frontarias de luxuosas construções, numa grilharia de colegiais em feriado que se não espera.

Entram nos escritórios e começaram desfazendo embrulhos e mexericando em tudo.

O engenheiro e o encarregado davam as últimas ordens.

Às 10 em ponto rebentaram foguetes e morteiros, subiram bandeiras nos mastros, e ouviu-se a martelada sincrónica dos carpinteiros cravando as cavilhas nas fileiras dos travejamentos.

Os garotos corriam às canas do foguetório; a gente da aldeia escutava, como pasmada, o estralejar que se repercutia nas encostas próximas; as bandeiras ficaram tremulando, enquanto os operários desciam pelos andaimes e escadas, abandonando as obras; e, por momentos, parecia que se movimentava um arraial de nome e reputação.

O filósofo Santana, mãos atrás das costas, escarnicante, murmurava por entre dentes:

— Boa vai ela! Boa vai ela! Agora seguem-se os garrafões e fica tudo «esquinado»! Amanhã, ainda quentes da paródia, toca a gemer em dobrado, para compensar o que hoje se gasta... Grandes pardalões!

O engenheiro, porém, descera dos andaimes com os operários e falava-lhes terra-à-terra:

— A nossa festa é diferente do costume. Não se trata de esmolas aviltantes, ouviram? São coisas úteis que valem mais do que o bacalhau e os copos de vinho... Vão indo até os escritórios. Vão lá, andem...

Os operários, apanhados de surpresa, entreolhavam-se sem resolução.

— Por que esperam vocês? — interpelou o sr. Morais, irónico e sorridente.

E em voz baixa: — Queriam pagode, an? Já vi tudo... Levem lá dois bibes e um par de meias, e vão com sorte? Isto são ideias novas...

E em voz alta: — Vá. Toca a entrar, um a um, com ordem e sem pressas...

E assim como de empurrão e ao acaso, foram entrando.

Sobre as mesas e bancadas estavam as largas caixas e os pacotes volumosos.

A um lado, os sócios da empresa em postura decorativa; a outro, as madamas chibantes para a distribuição; ao centro, o funcionário que interrogava e escriturava a constituição das famílias respectivas.

(CONTINUA)

Página Literária

MIRADOURO

SER OU NÃO SER, eis o dilema...

Ser — apenas na medida em que o é toda a criatura, não exige de nós mais do que o simples acto ou efeito de existir. (Sou, logo existo)...

O difícil, portanto, é ser verdadeiramente alguém ou alguma coisa, para além da mera e acidental circunstância de existir, comum a todos os mortais.

Mas, ser verdadeiramente isto ou aquilo, conquanto difícil, não é, porém, graça que se negue ou não esteja ao alcance de qualquer. A todos é dado ser bons, dedicados, simples, corajosos... Com pequenas variantes, no entanto.

E, dentre outras, ninguém é tão genuinamente aquilo que, em verdade, é ou julga ser.

Conta-se que Charlie Chaplin, certa vez, num concurso, cuja habilidade consistia, precisamente, em imitar os gestos e o andar da célebre figura de Charlot, por ele criada, não conseguiu mais que um desastroso e apagado vigésimo lugar. Razão tem o povo: «Não basta sê-lo, é preciso parecê-lo».

Assim também, nem todos são, na realidade, o que parecem e, muito menos, aquilo que pretendem ser. Está, neste caso, o espírito de certa quadra muito conhecida, que citamos de cor, mas cujo autor não nos ocorre de momento:

Sei que pareço um ladrão.
Mas alguns que eu conheço,
Não parecendo o que são,
São aquilo que eu pareço...

Se buscarmos a verdadeira razão de ser de cada um, veremos também que nem todos devem o que são a si próprios, sendo, em geral, mais um produto do meio e das circunstâncias, quando não mesmo e apenas do acaso. Já o diz um provérbio kurdo: «É o cavalo que corre e o cavaleiro se glorifica por isso». O mesmo é dizer: «Num lado se põe o ramo e em outro se vende o vinho».

Mas, nem só neste campo de exame e análise em profundidade, as conclusões se permitem, ao mesmo tempo, reais e diversivas.

O próprio conceito de «ser ou não ser» esta ou aqueloutra coisa, diverge de pessoa para pessoa, segundo, como é natural, a própria «maneira de ser» de cada um. Por isso se diz: «Cada cabeça, cada sentença».

Ser grande, para alguns, é apenas ser fisicamente mais alto ou mais atleta. Para outros, porém, ser grande (e os homens não se medem aos palmos...) é ser superior aos demais, em capacidade de inteligência, de coração, de saber, etc..

Para Anthony Eden, por exemplo, ser homem educado é conseguir descrever uma mulher bonita, sem empregar as mãos. Outros dirão, porém, que ser educado é começar por nem sequer tentar descrever uma mulher bonita, porque... a família pode não gostar!

E, porque falamos de educação e mulheres bonitas, é oportuno, talvez, dizer que, para Garrett, ser bela é, sobretudo, ser educada, pois «nem todas podem ser lindas, que a formosura não ficou em dote a todas as filhas de Eva; mas todas podem ser belas. Beleza — esclarece — não é formosura nem lindeza: beleza é o resultado das graças; e toda a mulher bem educada pode ter graças: pode dar-lhas a educação, pode suprir até os defeitos do corpo, pode substituir a formosura, e fazer a fealdade linda».

Continuando... No parecer do ignorado autor destas linhas,

Ser poeta
E' ter a mão aberta, em despedida,
E' ser a própria vida
E, acima de tudo não ser nada...
Ser poeta
E' ser humano e verdadeiro,
E' ter a mão fechada
E dá-la, aberta, ao Mundo inteiro!...

Já, porém (mas, ai de nós! Sem pretensões a confrontos), no entender de Fernando Pessoa,

O poeta é um fingidor,
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente...

Não há, pois, uma concepção segura e definitiva sobre o «ser ou não ser» de cada um e até de cada coisa.

Seguindo a mesma linha de rumo, mas descendo um pouco na escala de valores, ser desportista, como muitos julgam, não é apenas assistir a desafios de futebol, discutir nos cafés as razões por que um grupo ganhou ou perdeu ou gritar muito a favor de determinado clube. Ser desportista (e é bom aqui dize-lo...), no conceito de Neves Reis, por exemplo, «implica, em primeiro lugar, a obrigação de saber o que é desporto. E depois a de agir de harmonia com a ética e os princípios do desporto. Se o procedimento do espectador, do atleta ou do jogador não se conjugar com a divisa fundamental do desporto, com o seu lema e a sua moral — podem gritar à vontade, podem apostar as quantias que entenderem, podem pagar os camarotes pelos preços mais exorbitantes, porque serão tudo... menos desportistas»!

Podíamos, nesta emergência, citar muitos e variados conceitos de «ser ou não ser», respigando para aqui os mais valiosos e desencontrados pareceres sobre tantos e tão diversos assuntos. Seria até interessante reunir o maior número possível de curiosas opiniões sobre isto e aquilo e tentar fazer uma breve antologia, para estudo e recreio dos que amam ler e aprender.

Vamos, porém, terminar com duas curtas definições sobre «ser bom» e «ser santo», coisas aparentemente difíceis de seguir e de praticar, talvez porque é, na realidade, pequeno o número daqueles que podemos considerar de verdadeiramente bons e verdadeiramente santos.

Dissemos no princípio deste artigo que está, mais ou menos, ao alcance de todos ser bons e generosos, porquanto, tal como Dale Cornegie, entendemos que «ser bons para o próximo, é sermos melhores para nós mesmos».

Se lermos, porém, o belo soneto que se segue, do poeta Alfredo Cabral,

Ser bom, é ser nas trevas astro e luz,
Passar a vida inteira a fazer bem
Aos que a estrela da sorte não conduz,
Sem esperar a paga de ninguém...

Ser bom, é ter um pouco de Jesus,
Sofrer o apupo, a injúria, o desdém
E levar, resignado, a sua cruz,
Sem tornar mais pesada a cruz de alguém...

Ser bom, é ter na alma o Paraiso,
Ter nos lábios a graça dum sorriso
Para enxugar a dor de cada pranto.

Não ser hipócrita entre fariseus,
Ser gigante no meio de pigmeus,
Viver entre demónios e ser Santo!

Se lermos, como dizíamos, esta bela joia da Poesia Portuguesa, talvez que ser bons não se nos mostre, afinal, tão fácil como parecia, pois que essa qualidade exige de nós ser santos e... ser tal coisa, num mundo de ressentimentos e de ódio, como o de hoje é, precisamente, não ser isto de muito maus, de muito tristes, de muito pequenos que, na realidade e, em verdade, somos.

Se buscarmos, no entanto, luz, na opinião firme e autorizada do Padre António Vieira, verificaremos de novo que, afinal, para ser santo «não é necessário tanto, senão muito menos. Não é preciso guardar a perpétua continência das Virgens; porque — diz-nos — tendes a licença e a liberdade do matrimónio, com que foram santos Adão e Eva, Zacarias e Isabel, Joaquim e Ana. Não é necessário ser anacoreta, nem ir viver nos desertos, porque podeis ser santos na vossa casa, como José, Samuel, David, que morreram na sua. Não é necessário ser doutor nem queimar as pestanas, sobre os livros, porque basta que saibais os mistérios da fé, e os mandamentos, como S. Paulo, por sobrenome o Simples, S. Junípero, S. Hermano, e aqueles de quem dizia Santo Agostinho: levantam-se os indoutos e levam o reino do céu aos letrados. Não é necessário ser mártir, porque não só não padecendo martírio, mas fugindo dele, e escondendo-vos, podeis ser santo, como o foi Santo Atanásio, S. Félix, S. Silvestre, e outros. Nem menos é necessário ser Apóstolo, Patriarca ou Profeta, porque esses ofícios e dignidades passaram com o tempo, e podeis ser santos, como o foram todos os que depois deles vieram. — Pois que é necessário para ser santo? Uma só coisa, e muito fácil, e que está na mão de todos, que é a boa consciência, ou limpeza de coração. Tende o coração puro, e ou vos faltem, ou sobejem todas as outras coisas, nem a falta vos será impedimento, nem a abundância estorvo para ser santo».

Assim falava, e fala ainda hoje, Padre António Vieira.

De sorte que... o difícil no ser, é, pois, saber ser e, acima de tudo, desejar ser, mas ser verdadeiramente, pela alma, pelo espírito, pelo coração. E mais difícil ainda do que ser «apenas», será ser na vida e ser na morte, para lá do tempo e do espaço, ser como, verdadeiramente

...«Aqueles que, por obras valorosas,
Se vão das leis da morte libertando»...

Tu, porém, leitor amigo, que não almejas a tanto e, tão pouco, aspiras a ser mais,

Se não puderes ser um pinheiro no topo da colina,
Sê um arbusto no vale — mas sê
O melhor arbusto à margem do regato:
Sê um ramo se não puderes ser uma árvore.

Se não puderes ser um ramo, sê um pouco de relva,
E dá alegria a algum caminho:
Se não puderes ser almiscar, sê então, apenas uma tília,
Mas a tília mais viva do lago!

Não podemos ser todos capitães; temos de ser tripulação.
Há alguma coisa para todos nós aqui.
Há grandes obras e outras menores a realizar,
E é a próxima a tarefa que devemos empreender.

Se não puderes ser uma estrada, sê apenas uma senda,
Se não puderes ser Sol, sê uma estrela;
Não é pelo tamanho que terás êxito ou fracasso
— Mas sê o melhor do que quer que sejas!

Sendo estes versos uma exortação de Douglas Malloch, são eles também verdadeiramente, os votos de alguém que, mais não podendo ser, é ao menos efémero, como queria Sebastião da Gama, essa poeta morto na flor da idade...

Pinto da Costa

Antologia do conto

Eu não casaria nunca com um aviador...

—Ora! Não casavas... Coisas que tu dizes mas que não podes sustentar.

—Não posso porquê?

—Porque, se um dia o Destino te indicar esse caminho, tens que seguir por ele, quer queiras, quer não queiras.

—Não penses nisso A minha vontade estará acima de tudo. Um aviador é um pássaro que vai pelos ares, sempre sujeito a que lhe dêem um tiro, e eu não estou para me dedicar a um pássaro que, dum momento para o outro, desaparece como que por encanto.

Além disso, minha filha, não me servia «marido a dias», — hoje porque está de serviço, amanhã porque saiu para treinos, no dia seguinte porque a guerra o chama e o leva. O Destino pode, pois, indicar esse caminho; eu, porém, é que não o tomo.

—Oxalá assim penses e assim procedas, minha Lúcia. Livra-te, no entanto, do amor te bater à porta com grandes argoladas, porque, se ele bater dessa maneira, a vontade ficará vencida.

—Disparates que vocês dizem...

A praia estava cada vez mais animada. O tempo aquecera e a frequência rodobrara. As barracas, os toldos, as esplanadas regorgitavam de gente alegre, de mocidade em flor, de grupos galrantes que explodiam de vivacidade.

O mar vinha de manso rolar na areia, deixando uma lista branca que se desfazia no mesmo instante.

Ao longe, quase ocultas na bruma a diluir-se, passavam traineiras que demandavam o largo, para a faina da pesca.

No morro lateral, que protegia a praia e lhe dava sombras deliciosas, o sol batia de chapa, a mordê-lo como numa forte carícia.

A paisagem marinha estava em pleno esplendor.

Quem fosse pelos grupos e observasse, veria que a vida bisbilhoteira também não faltava com sua presença habitual. As conversas eram as mesmas de sempre. Eles falavam delas, elas falavam deles. As mesmas impressões, os mesmos trocadilhos, as mesmas ciumeiras, as mesmas esperanças e as mesmas desilusões...

Da próxima base aérea desciam os furriéis, os sargentos a desabrochar, os mecânicos, os oficiais de folga, os pilotos de efêmero descanso, — todos os que aproveitavam a estação calmosa e a época dos banhos para se distraírem e espairecerem das ocupações disciplinares.

Namoriscava-se por todos os lados. As raparigas tinham pela aviação grande fraco e os aviadores eram o alvo predilecto dos olhares langorosos das ninfas...

A Lúcia pegara de namoro com o piloto José Manuel e ia de vento em popa. Eram companheiros certos todas as manhãs e no casino dançarinavam às noites, com decidida inclinação de ambos.

E o facto é que, meses depois, efectuava-se o casamento estrondoso na cidade, com a assistência dos aviadores amigos, oficiais de fardas de gala, — um *raid* que ficou memorável pelo espectáculo sensacional.

Margarida, aquela amiga com quem a Lúcia discutira a propósito do casamento com aviador, assistia também e sorria de vez em quando...

E tempo depois, quando se proporcinou a oportunidade, encontrando os noivos num salão de chá, não se conteve que não dissesse à sua amiga:

—Então que tal te vais dando com o casamento?

—O melhor possível, minha filha.

João Fernando

(*Continua na página 9*)

FESTAS A N.ª S.ª DA BOA VIAGEM -- De 8 a 12 do corrente (Vidé programa no corpo do Jornal)